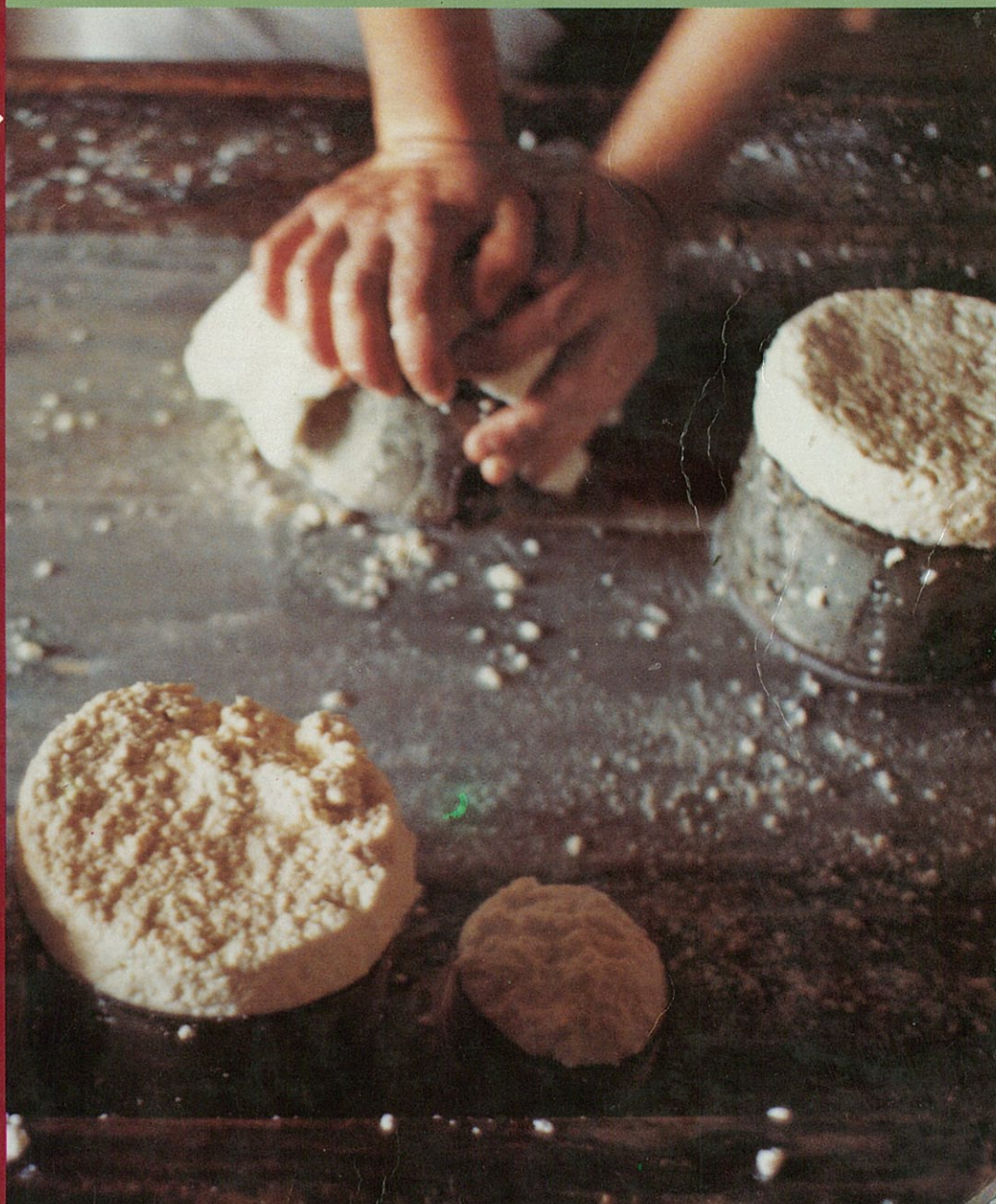


4

Arqueologia Medieval



EDIÇÕES AFRONTAMENTO



1

Capa e Design Gráfico: Gil Maia.

Fotografia da capa e da contracapa: Luís Pavão

ISSN: 0872-2250

Nº de edição: 572

Depósito legal: 66923/93

Edição: Edições Afrontamento, Lda. — Rua Costa Cabral, 859 — 4200 Porto — Portugal

Telefones: (02) 529271, 594880 — Telefax: (02) 591777

Impressão: Rainho & Neves, Lda. — Santa Maria da Feira

Acabamento: Rainho & Neves, Lda — Santa Maria da Feira

Periodicidade: Anual

Ano de publicação: 1996

ALIMENTAÇÃO DE ORIGEM ANIMAL EM REGIME ISLÂMICO – ALCARIA LONGA E CASA II DA ALCÁÇOVA DE MÉRTOLA

MIGUEL TELLES ANTUNES*

1. INTRODUÇÃO

Apresentámos elementos e interpretações acerca da alimentação e aspectos correlativos da economia em contextos islâmicos, com base em colheitas de R. Varela Gomes no Castelo de Silves (ANTUNES, 1991, 1993). Mau grado o conhecimento adquirido, ficamos aquém de uma desejável visão de síntese, na medida em que o permitam eventuais diferenças de condicionalismos locais e regionais. Novos dados, permitindo aproximarmo-nos deste desiderato, advêm de escavações promovidas pelo Campo Arqueológico de Mértola, sob a direcção de Cláudio Torres, em Alcaria Longa e na casa II da alcáçova mertolense, da responsabilidade, respectivamente, de J. Boone e Santiago Macias.

As de Alcaria Longa (BOONE, 1992) forneceram informes sobre uma comunidade rural, cuja cronologia discutiremos. A casa II diz respeito a meio urbano e ao período almóada, desde a 2ª metade do século XII até o 1º terço do séc. XIII. Deu amostragem mais numerosa, incluindo restos humanos, quase todos relacionados com o cemitério (séc. XIV a XVI) implantado nas ruínas. O espólio diz respeito a alimentação humana, sem embargo de incluir raras peças passíveis de interpretação diferente.

Aproveitámos elementos de comparação referentes a sítios estudados deste ponto de vista: Castelo de Silves, desde os primórdios (séc. VIII) até a primeira

conquista cristã (1189); Travessa da Portuguesa, em Setúbal, dos séculos XIII e/ou XIV, sítio explorado por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (ANTUNES, em publicação).

Trabalhos paralelos de João Pais levantam parte do véu que encobria a componente vegetal.

2. ALCARIA LONGA

2.1. Dados locais

A nossa preferência inicial por este sítio, de que trata o Resumo preliminar, justifica-se pela simplicidade da estratigrafia; pelo carácter peculiar; e pela menor quantidade de material.

Segundo BOONE (loc. cit., p. 56), foram escavadas estruturas de casas. Interessa aqui a «Structure 1» da «Trench I area»: «the remains of a single household compound consisting of two rectangular tile roofed

* Academia das Ciências de Lisboa. Departamento de Ciências da Terra, FCT da UNL, Quinta da Torre, 2825 Monte de Caparica, Portugal.

structures and a small connecting room». Os restos provêm de duas lareiras, H1 e H2 — não fornos — da «floor area along the north wall of the east room of Structure 1» (*ibid.*). Ainda segundo BOONE (*ibid.*), «animal bone fragments, ..., are often found mixed with associated ashes»; «these alkaline ash deposits are in fact the only places where animal bones are recovered ... Elsewhere, the bones have disappeared due to the very acidic soil conditions».

Outra verificação é importante, «we can conclude that the Trench I area ... is a relatively undisturbed area of the site» (*id.*, p. 61).

Enfim (p. 63): «excavations at Alcaria Longa reveal a rural settlement occupied during for relatively brief period spanning the Caliphal, Taifal, and possibly the early Almoravid periods (10th to the 12th centuries)». A idade foi (p. 61) considerada «consistent with the thermoluminescence dates»; mas também o é com a conclusão que apresentamos a seguir, a qual dá melhor aproximação.

2.2. Idade, discussão

A datação de BOONE (*loc. cit.*) assenta, ao menos em parte, nos achados de uma suposta moeda califal e de um quirate. Graças a Cláudio Torres, pudémos examiná-los. Aquela não é uma moeda, ainda que o pareça, mas sim uma peça monetiforme de chumbo (análise de J. Pais na microsonda TRACOR, do Departamento de Ciências da Terra da FCT da UNL), lembrando um dirheme califal mas com uma pseudo-legenda ilegível, ou que, pelo menos, resistiu a várias tentativas de leitura. Os dois furos que ostenta (de acordo com a prática, corrente entre árabes e berberes, de furar moedas com fins ornamentais e de transporte de valores) não chegam para afirmar ser uma moeda, e menos

ainda uma moeda califal. Será uma peça de contar? Seja o que for, não é demonstrativa de idade.

A moeda de prata, figurada mas não identificada (BOONE, 1992, p. 64, Fig. 11), tem valor cronológico. É um quirate cunhado em Beja pelo Amir, 'Abu Talib al-Zuhri, invocando o dirigente espiritual e temporal Ahmed ibn Qasi, em Jumada I de 539 AH (Novembro de 1144 AD), ou muito pouco depois (ANTUNES & SIDARUS, 1991-1992; 1993). Assim, não temos provas de a ocupação, aliás não muito prolongada, remontar ao período califal. Mantinha-se em período de taifas almorávidas, pouco após a queda desta dinastia, mas tudo leva a crer no abandono do espécime antes do advento do regime almóada na região de Mértola. Considerando que a moeda de Abu Talib, pouco circulada, deve ter sido perdida ou entesourada pouco após a emissão; bem como a ausência dos frequentíssimos dirhemes almóadas (que podem ter começado a circular algo antes da anexação da Andaluzia, subsequente à invasão de 1161, reinando 'Abd al-Mumin, o 2º califa almóada), afigura-se como muito provável data de pouco depois de 1144 e ante-1161. Sítio e espólio situam-se, praticamente, na 1ª metade do séc. XII e, hipoteticamente, um pouco antes.

2.3. Arqueozoologia

O espólio, fragmentário e pouco numeroso, não suporta muito rigor interpretativo. Espécies em falta podem ter estado presentes.

Por outro lado, é notória a distorção no concernente à microfauna, que falta quase por completo.

Outras reservas são de formular. Com tão baixos números de restos, são ilusórias as percentagens correspondentes. Outra reserva resulta de a distinção entre carneiro e cabra nem sempre ser possível. Todas as peças mais características indicam *Ovis*, e não *Capra*; mas não é inteiramente segura, embora verosímil, a extrapolação, com atribuição a *Ovis* de todo o material de ovinos e caprinos.

A composição é como segue (Quadro I), com indicação do número de peças e, a título indicativo, de percentagens (%), com fraco significado pela escassez.

2.4. Visão de conjunto

A comunidade de Alcaria Longa dedicava-se essencialmente à ovinicultura nos pouco acidentados terrenos circundantes. Alguns bois podem estar relacionados com lavoura. Tinham cães. A caça era pouco importante. Não há vestígio de suídeos; o porco não deve ter sido criado. A actividade venatória era de pouca monta.

QUADRO I

Fauna representada em Alcaria Longa (Totalidade / só mamíferos)

Cervus elaphus – veado: N = 2; 2.6 %

Ovis aries – carneiro: 53; 69.7

Bos taurus – boi doméstico: 10; 13.2

Canis familiaris – cão: 2; 2.6

Lepus granatensis – lebre: 1; 1.3

Oryctolagus cuniculus – coelho, manso ou bravo: 1; 1.3

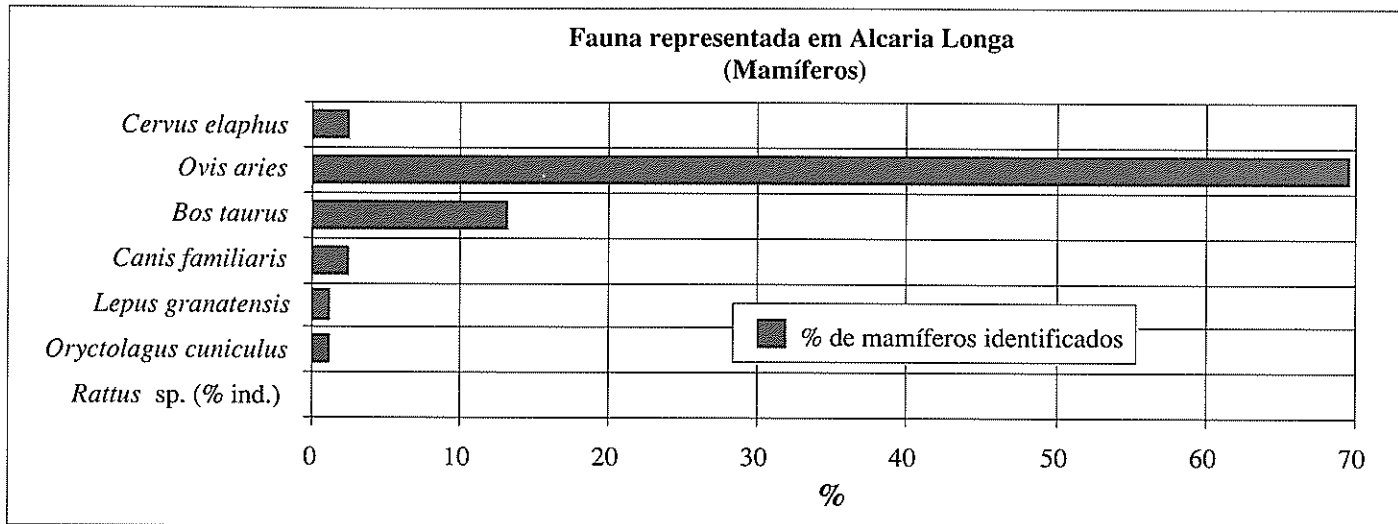
Rattus sp. – rato preto e/ou ratazana: >1 (roidela),
% indeterminada

Restos ósseos indeterminados (de mamíferos): 153

Ave indeterminada, ? talvez Gallus (2 fragmentos ósseos)

Ave indeterminada (3 fragmentos de casca de ovo)

Pecten maximus – vieira; 2 fragmentos



É de notar o *Pecten* tão longe do mar; não é de excluir que conchas tenham sido levadas como curiosidade ou objecto de adorno, como parece demonstrado na casa II de Mértola.

Na maior parte, estamos em presença de restos de cozinha, pouco expostos ao fogo. São de excluir assados na brasa ou em fornos, cuja eventual existência é infirmada pelas escavações.

Era provável o consumo de ovos. Rareiam fragmentos ósseos longamente expostos ao fogo, caídos ou atirados para a lareira.

3. CASA II DE MÉRTOLA

3.1. Dados locais – escavações, idade

O espólio osteológico provém do estrato de abandono sobre o pavimento e sob o telhado da casa II. É «datável do 1º quartel do século XIII ou um pouco

mais além (a reconquista de Mértola terá ocorrido cerca de 1238» (Santiago Macias, carta de 26 de Maio de 1993).

Como se vê, este sítio é mais recente do que o de Alcaria Longa na parte que nos interessa. Porém, a diferença cronológica é menor do que a suposta — meados do século XII (para Alcaria) *versus* 1º quartel do XIII.

Note-se que «o aparecimento de ossos humanos é acidental e decorre de condições excepcionais de inumação ocorridas no cemitério que cobriu por completo o local entre os séculos XIV e XVI» (Santiago Macias, *ibid.*).

Admitimos, contudo, que constitua excepção um dente lacteal humano, do qual trataremos adiante.

QUADRO II

Fauna da casa II de Mértola

Taxa / Nome vulgar / Nº de peças / % do total de mamíferos ($\Sigma = 731$) / Id., identificados ($\Sigma = 388$)Homem e carnívoros domésticos, $\Sigma = 4$

<i>Homo sapiens</i>	Homem (*)	1	0.1	0.3
<i>Canis familiaris</i>	Cão	1	0.1	0.3
<i>Felis catus</i>	Gato	2	0.3	0.5

Mamíferos aproveitados na alimentação (restos identificados), $\Sigma = 338$

<i>Equus caballus</i>	Cavalo	14	1.9	3.6
<i>Sus (domesticus?? scropha?)</i>	Porco?? Javalí?	4	0.6	1.0
<i>Cervus elaphus</i>	Veado	2	0.3	0.5
<i>Bos taurus</i>	Boi	23	3.1	5.9
<i>Ovis aries</i>	Carneiro	28	3.8	7.2
<i>Capra hircus</i>	Cabra	16	2.2	4.1
<i>Ovis</i> ou <i>Capra</i>	Carneiro ou cabra	90	12.3	23.2
<i>Lepus granatensis</i>	Lebre	4	0.6	1.0
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Coelho	157	21.5	40.5

Mamíferos aproveitados na alimentação (fragmentos ósseos não identificados, $\Sigma = 343$)Mamíferos comensais, $\Sigma = 46$

<i>Rattus rattus</i>	Rato preto	39	5.3	10.1
<i>Rattus cf. norvegicus</i>	Ratazana	7	1.0	1.8

Aves, $\Sigma = 26$

<i>Gallus domesticus</i>	Galinha	19		
<i>Alectoris rufa</i>	Perdiz	5		
Passeriforme indeterminado		2		

Peixes, $\Sigma = 147$

<i>Acipenser sturio</i>	Solho, esturjão	1		
<i>Barbus microcephalus</i>	Barbo	42		
+				
<i>Barbus steindachneri</i>	Barbo			
Pequenos ciprinídeos (por lavagem; não contados) - ? <i>Chondrostoma</i> (boga), ? <i>Leuciscus</i> (bordalo, pardelha)				
<i>Pagellus acarne</i> (ou <i>bogaraveo</i> ?)	Besugo	2		
Teleósteos indeterminados		102		

Lamelibrânquios, $\Sigma = 222$

<i>Ostrea edulis</i>	Ostra	7	3.2	
<i>Mytilus galloprovincialis</i>	Mexilhão	2	0.9	
<i>Unio</i> sp.	Ameijoa de água doce	1	0.5	
<i>Pecten maximus</i>	Vieira	12	5.4	
<i>Ruditapes decussatus</i>	Ameijoa	198	89.2	
<i>Cerastoderma edule</i>	Berbigão	2	0.9	

Gastrópodes, $\Sigma = 6$

<i>Rumina decollata</i>		1	% sem significado	
<i>Ferussacia follicula</i>		1	Idem	
<i>Parmacella valenciennesi</i>	lesma	1	Id.	
« <i>Helix</i> » <i>setubalensis</i>	caracol	2	Id.	
<i>Helix</i> sp. (não <i>setubalensis</i>)	caracol	1	Id.	

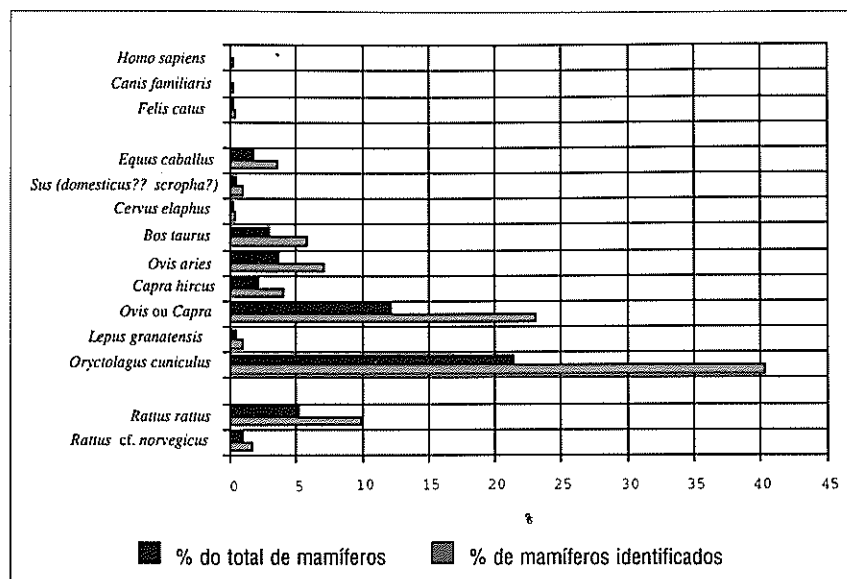
Número total de restos: 1132

Número total de restos de mamíferos: 731

Número total de restos de mamíferos identificados: 388

(*) Um dente de leite, provavelmente contemporâneo da camada, não proveniente do cemitério suprajacente.

Fauna da casa II de Mértola (Mamíferos)



QUADRO III

Percentagem numéricas de restos de mamíferos aproveitados na alimentação, referentes ao total (681 e, à direita, apenas aos restos identificados (338))

	N	%	%
<i>Equus caballus</i>	14	2.1	4.1
<i>Sus (domesticus?? scropha?)</i>	4	0.6	1.2
<i>Cervus elaphus</i>	2	0.3	0.6
<i>Bos taurus</i>	23	3.4	6.8
<i>Ovis aries</i>	{28	4.1	8.3}
<i>Capra hircus</i>	{16	2.3	4.7}
<i>Ovis ou Capra</i>	{90	13.2	26.6}
Σ N, %, % <i>Ovis + Capra</i> (total)	134	19.7	39.6}
<i>Lepus granatensis</i>	4	0.6	1.2
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	157	23.1	46.6
Σ=	338	49.7	99.9

3.2. Arqueozoologia

3.2.1. Lista geral

A lista geral da fauna consta do Quadro II, e contém indicação dos táxones, nomes vulgares, número de peças e correspondentes percentagens numéricas.

O Quadro III inclui referências mais pormenorizadas aos mamíferos aproveitados na alimentação. Consideram-se elementos comparáveis, concernentes a animais com quase igual número de peças esqueléticas (incluindo o cavalo, mas com exclusão do cão, gato, rato preto e possível ratazana).

Lembramos, a propósito, a discussão de aspectos metodológicos, que apresentámos (ANTUNES, 1993).

Os elementos indicados justificam as considerações seguintes, baseadas num número total de peças com certo significado, embora de valor questionável quanto aos pesos respectivos. Os resultados ponderais são os possíveis; a amostragem mais não permite.

3.2.2. Criação de animais e aproveitamento alimentar

O predomínio das actividades de pecuária recai nos ovinos e caprinos, sobretudo os primeiros. Uns e outros, especialmente os caprinos, permitiam a exploração de terrenos pobres.

A bovinicultura era limitada por condições ecológicas em geral pouco propícias. Os bois poderiam valer, não tanto pela carne e leite, mas como fornecedores de trabalho.

Funções de transporte (e, talvez, de trabalho) recaíam nos equídeos, representados pelo cavalo — a menos que alguns ossos fossem de muars, de problemática destrição dos de cavalo. Isto não exclui aproveitamento alimentar, dada a presença de ossos cortados, com pátina idêntica à dos demais, que podem ter sido submetidos a processos culinários. Como os equídeos não deveriam ser normalmente consumidos, os seus restos fazem pensar em episódio(s) de carência alimentar.

Possivelmente, a criação preponderava no que concerne ao coelho: sendo pouquíssima a evidência de caça, é menos provável que,

no espólio, predominassem os restos de coelhos bravos. A cunicultura podia, portanto, ser corrente, embora não pareça possível comprová-la através da distinção, que não se afigura viável, entre ossos de domésticos e selvagens.

Os galináceos constituíam fonte complementar de alimento.

Raros (e inesperados) vestígios de suídeo põem problemas. Parecem insuficientes para reconhecer com segurança se são de porco, javali, ou ambos. O javali pode ser a melhor hipótese. Sabemos da criação de suínos por populações cristãs em contexto islâmico e, por conseguinte, que a suinicultura não era impossível, apesar dos preceitos corânicos; porém, não seria provável. O abate de algum javali talvez não fosse pecado demasiado grave quando apertasse a fome.

3.2.3. Pesca e recollecção fluviais

Aspecto inédito pela amplitude, no que diz respeito a sítios portugueses, é o contributo da pesca fluvial.

Seria de somenos relevância a recollecção de ameijoas de água doce (*Unio* sp.), as quais, além do restrito valor alimentar, são fonte de nácar e raras pérolas.

Interesse primacial recai nos peixes. Além de restos por identificar, podemos salientar a ocorrência de bastantes (e característicos) raios espinhosos de barbatana dorsal que, pela morfologia e robustez dos denticulos, são de atribuir aos barbos comuns no Guadiana: *Barbus steindachneri* Almaça 1967 e *Barbus microcephalus* Almaça 1967. Ossos cranianos e vértebras são-lhes provavelmente atribuíveis.

Não pudémos caracterizar pequenos ciprinídeos (bogas — *Chondrostoma willkommii* Steindachner, 1866 ou *Chondrostoma lemmingi* (Steindachner, 1876); bordalos — *Leu-*

ciscus pyrenaicus Günther, 1868) a que devem pertencer vértebras isoladas; nem teleósteos migradores como o sável, *Alosa alosa* (Lin., 1758) e a saboga, *Alosa fallax* (Lacepède, 1803); nem tainhas (ou muges) dos géneros *Mugil* e *Liza*, ainda correntes (ALMAÇA, 1986, table 1, p. 7). A presença é de esperar.

A presença do solho ou esturjão, *Acipenser sturio* Lin., 1758, é novidade em jazidas medievais portuguesas. Conhecêmo-lo no Mesolítico do Cabeço da Arruda, Muge (dado inédito, nossa observação); bem como no Calcolítico do Castro do Zambujal (von den DRIESCH & BOESSNECK, 1981, Tabelle 1, p. 312).

A espécie parece ainda fazer parte da fauna do Guadiana: «Adult specimens are fished from time to time at Mértola and Pomarão. To my knowledge, the last big specimen (nearly 70 kg) was captured at Mértola in the early 1970's. It seems that the species still is reproducing in the Guadiana: by the early 1980's small specimens (20-30 cm long) were commonly fished at Guerreiros do Rio» (ALMAÇA, 1986, p. 6). Na casa II, está representado por uma grande escama. Ao tempo, os pescadores do Guadiana tinham técnica suficiente para capturar adultos, cujo peso pode ser da ordem dos 40 kg, no macho, a 200, ou mais, nas fêmeas. Mais do que alarem redes, susceptíveis de romper, poderiam encaminhá-los para canais que, ainda hoje, são «máquina impressionante de apanhar peixe» (TORRES, 1989, p. 114).

Na Idade Média, o solho era comum nos grandes rios: Douro, Tejo e Guadiana, e excedia às vezes os tamanhos ulteriormente reconhecidos. Aquele, enorme, que o arrabi-mor dos judeus, D. Guedelha, ofertou ao rei D. Diniz aos 5 de Fevereiro de 1321, capturado nos campos de Valada, «era en longo dez e sete palmos e en grosso sete palmos bem medidos e pesou pelos pesos do concelho de Sanctarem dez e sete arrovas e meya ben pesadas que fazem quatro quintaaes e mays hũa arrova e meya», ou seja, cerca de 3.7 por 1.5 metros e mais de 260 kg. Tão notável era, pelo tamanho, que justificou registo «Porende o dicto Senhor Rey teve por ben e mandou a mim Domingues Anes seu tabelion geeral ... Ihj desse ende hũ testemũyo» (BEIRANTE, 1980, p. 108, 118).

3.2.4. Marisco e peixe de água salgada

As colheitas incluem lamelibrânquios de água salgada. O predomínio cabe, de longe, à amejoa, seguida de ostras; indicam águas de baixa energia e sedimentação de areia fina a siltes e vasas. Mais do que o mar aberto, correspondem ao troço terminal de um grande rio, o Guadiana. Evocam intensa recollecção nos sapais de Castro Marim; e o transporte de mariscos para regiões a montante, quiçá em vivo, em recipientes com água. Ameijoas e ostras prestam-se a isso. Eram apreciadas.

Tomamos Castro Marim por referência, até pela paleogeografia diferente da actual. Reuniam-se possivelmente condições melhores do que as de agora, por

serem menores os efeitos do assoreamento e da acreção relacionada com transporte, marítimo e eólico, dos depósitos arenosos do litoral, a qual viria a possibilitar a fundação de Vila Real de Santo António.

Raridade de berbigão e escassez de vieiras indicam, já que a procura não devia ser menor, recollecção menos intensa em fundos arenosos. O pouco mexilhão denota fraca colheita em áreas com substracto propício.

Ao *Pecten* não corresponde só interesse alimentar. Um pedaço de valva perfurado por esponjas na superfície interna é clara indicação de apanha após a morte, sem partes moles. Já havia quem apreciase conchas como curiosidade ou objecto ornamental, e/ou com intuítos de coleccionismo. Ainda que este ponto não haja, que saibamos, sido focado em Portugal, não é inesperado. Terá significado análogo o *Pecten* de Alcaria Longa — onde, por maioria de razão dada a distância acrescida, como comestível só salgado chegaria em condições. Aliás, a frequência das iluminuras representando conchas, pela beleza ou pelo efeito decorativo, mantém-se desde a Antiguidade.

Enfim, era consumido em Mértola algum peixe de água salgada. Besugo pequeno, jovem, é compatível, e mesmo mais encontrado, em águas salgadas de lagunas costeiras ou estuários (*Pagellus bogaraveo*, por exemplo, no estuário do Tejo, segundo ALMAÇA, 1986, p. 12). Vivem, sobretudo os jovens, em áreas alagadas comunicando com o mar, como na Reserva de Castro Marim, e ainda hoje os encontramos comumente no mercado mertolense. Ao parecer, a importância dos moluscos de água salgada para abastecimento de Mértola excedia a dos peixes. Uns e outros provinham da região vestibular do Guadiana.

3.2.5. Actividade venatória

Deixando os problemas do coelho, o qual parece pouco seguro como indicador de caça, e do possível (mas excepcional) javali, restam o veado, a lebre e a perdiz como animais certamente caçados. A sua presença no espólio da casa II é segura, mas também o é a raridade daquelas espécies, estando a perdiz pouco representada.

Como em Alcaria Longa, a actividade venatória corresponde a parcela ínfima da alimentação.

3.2.6. Tentativa de interpretação culinária

Dispensamo-nos de repetir as interpretações acerca de culinária em contextos islâmicos em Portugal, que iniciámos a propósito do castelo de Silves (ANTUNES, 1991, p. 47, 74) e ulteriormente desenvolvemos (ANTUNES, 1993, comunicação e texto). Focaremos aspectos concernentes às jazidas aqui em estudo.

A boa conservação de materiais frágeis, por exemplo vértebras de peixes, não é em favor de processos muito destrutivos, como a fritura — e não há qualquer evidência de que se trate de artefacto por ausência de restos (muito

fragilizados e presumivelmente destruídos), que teriam sido submetidos a operações culinárias desta natureza. A fritura não é habitual na cozinha árabe.

O acompanhamento seria o pão ázimo e outros derivados de cereais, em particular de trigo duro, como os couscous e massas, de carnes lentamente estufadas a fogo brando, na lareira ou em cinzas, em recipientes fechados, de barro, do tipo «tajin», onde não se adiciona água. Também procederiam de modo semelhante, ou preparariam caldos ou sopas, recorrendo a peixe, galinha, coelho, etc. Este processo permite aproveitamento quase exaustivo da matéria alimentícia; como se dizia em tratados de culinária antigos, todas as forças ficam na carne cozinhada no «tajin» (cf. comunicação de Lucie Bolens no Colóquio *Formas de habitar e habitação na Idade Média*, Mértola, 17-20 de Setembro de 1993). O corte da carne em pequenos pedaços e subsequente submissão a um processo culinário em que os fragmentos ósseos não sofreram temperaturas elevadas nem contacto directo com o fogo (com raríssimas excepções de restos ósseos deitados à lareira, após consumo), evocam a culinária norte-africana e, de certo modo, a cozinha rural alentejana mais tradicional.

O prato mais evocativo será a Tanjia de Marrocos, cozinhada todo o ano, mesmo durante o Ramadão, pois pode ser preparado durante a noite, cozendo a fogo brando durante 12 a 24 horas. Deita-se na tanjia, uma espécie de ânfora de barro, pedaços de carne de vitela, vaca ou borrego, adicionando-se condimentos como cabeças de alho, cominhos, açafraão, limão, sal e azeite. Fecha-se o recipiente com papel forte (ou dantes com o testo), atado com cordel, colocando-o no hammam, onde coze docemente nas cinzas. Quanto mais prolongada for a cozedura, mais baixa deve ser a temperatura.

Tal como nos outros sítios em contexto islâmico, não há indícios de assados em forno, no espeto ou na brasa.

3.2.7. Comensais

Em tamanho, o limite inferior de resolução do método de colheita posto em prática corresponde a roedores habituais em habitações humanas. Faltam restos dos menores, como os ratinhos (*Mus*), cuja colheita carece de crivagem com malha mais fina.

Não encontramos formas próprias de campo (*Apodemus*, *Pitymys*), arborícolas (*Eliomys*) ou aquáticas (*Arvicola*), se bem que a falta de algumas possa também ser artefacto de colheita, em consequência do pequeno porte, nulo interesse na alimentação humana ou inadequação ecológica. Estas razões valem para os insectívoros menores do que o ouriço cacheiro e para os quirópteros.

A espécie mais comum é o rato preto, há muito implantado na Península Ibérica. Parece coexistir com a ratazana, salvo se alguns ossos particularmente robustos, em que assenta a determinação (sob reserva) de *Rattus norvegicus*, couberem na gama de variação de *Rattus rattus*, mas não dispomos por enquanto de dados para melhor julgar. Admite-se que a ratazana seja um imigrante do Oriente, em data mais moderna, talvez em relação com as Cruzadas. Não dispomos de elementos suficientes para uma visão mais rigorosa da chegada e difusão desta peste. Aparentemente, a ratazana ainda não teria adquirido preponderância à custa dos autóctones concorrentes, os ratos pretos, que em larga medida viria a expulsar dos meios urbanos. O *status quo* sugere carácter recente da imigração da ratazana, conformemente com a idade do sítio.

3.2.8. Moluscos terrestres

Os poucos elementos disponíveis dizem respeito a formas comuns, mas ignoramos em que proporções ocorrem realmente. O «*Helix setubalensis*» parece próprio de Portugal meridional.

3.3. Breves observações sobre material humano

«O aparecimento de ossos humanos é acidental e decorre de condições excepcionais de inumação ocorridas no cemitério que cobria por completo o local entre os séculos XIV e XVI» (SANTIAGO MACIAS, carta de 26.05.93). Assim, o estudo dos restos incluídos na amostragem caberia apropriadamente no do material do cemitério.

Abrimos excepção para uma peça rica de significado, um 1º molar de leite, perdido em vida. Não corresponde a inumação, como as peças do cemitério. Pode, e provavelmente deve, ser reportado à camada arqueológica da casa II, o que redobra o seu interesse.

Trata-se de um D³ esquerdo, com rizálise completa; abrasão moderada; coroa estalada, podendo ter sido submetida a fogo; importante cárie distal; outra cárie ocluso-distal; outra ainda na porção distal da superfície vestibular; 3 perfurações menores na superfície oclusal; acentuadas hipoplasias ambientais, lineares e punctiformes, em todas as superfícies, particularmente profundas na superfície distal.

Tais cáries podem resultar de dieta assente em farináceos que, na boca mal higienizada, afectaram o esmalte e a dentina. Esta situação sugere, fortemente, alimentação em larga medida à base de cereais.

A intensidade das hipoplasias ambientais significa fortes carências alimentares durante a amelogénese; como a erupção dos D³ se processa entre o 12º e o 15º meses de vida, a criança já sofrera malnutrição, o que reflecte carências alimentares da mãe, ainda durante a gravidez (para os D³, os germes começam a formar-se em curso da gestação, nascem entre 1 e os 4 anos, caindo aos 9 a 10 anos).

O indivíduo em causa sobreviveu até pelo menos os 9 anos.

4. COMPARAÇÕES

A comparação arqueozoológica dos sítios oferece possibilidades restritas, à partida: não são os mesmos nem a idade (ainda que a diferença não exceda os 3/4 de século); nem o contexto habitacional, rural em Alcaria Longa, urbano em Mértola; nem a vizinhança, em Mértola, do rio que era fonte de alimento e via de acesso de primacial importância; nem episódicas situações de risco,

visto que a cidade era objectivo militar apetezido, o que não sucedia com Alcaria Longa.

Como a amostragem de Alcaria é limitada, em número e qualidade, sustenta interpretação forçosamente incompleta. Sublinhe-se que a falta de dados não corresponde necessariamente a ausências. Não obstante, não é de crer em sérias distorções da realidade, sobretudo quanto às espécies comuns.

Pesem embora as reservas formuladas, chegamos a algumas ideias gerais.

O cotejo entre os espólios dos dois sítios evidencia a diferença que resulta das melhores condições de Mértola, onde era possível a pesca fluvial e onde chegavam mariscos e peixe da parte vestibular do Guadiana.

Outras diferenças, talvez mais aparentes do que reais, consistem na ausência de *Capra* e de suíno em Alcaria Longa. Tudo o mais não destoa, nem sequer o cavalo da casa II.

São do maior interesse as comparações entre cidades, interiores mas servidas por importantes vias fluviais, como Silves e Mértola, o que ainda não é possível em condições satisfatórias. No entanto, a comparação revela semelhanças básicas: predomínio de *Ovis* seguido de *Capra*, escassez de gado vacum, caça e de equídeos muito escassos, presença numerosa de coelho (presumivelmente manso, ao menos em parte) e frequente de galináceos, falta total (ou quase) de suínos, lamelibrânquios de água salgada e peixes em quantidade apreciável, frequência do rato preto e (possivelmente, pelo menos em níveis mais modernos) da ratazana. As técnicas culinárias parecem, tanto quanto é possível discernir, muito semelhantes ou idênticas.

Contudo, há diferenças de carácter local ou regional; avulta a grande preponderância de peixes dulçaquícolas em Mértola e a situação inversa em Silves, onde aqueles rareavam e era absoluto o predomínio de pescado de água salgada.

Relativamente à Travessa da Portuguesa (Setúbal), em contexto cristão, a componente fundamental é a dos ovínos e caprinos, com predomínio daqueles. O boi é bastante frequente, o que não surpreende no contexto de uma área aluvionar, a do Sado, com melhores possibilidades quanto a pastagens apropriadas. Semelhantemente, os equídeos rareiam; é ainda mais importante a contribuição do pescado, como seria de prever pela situação junto do estuário do Sado e do rico mar vizinho, onde também eram capturados golfinhos. De igual modo, a caça é pouca. Porém, às semelhanças junta-se uma diferença notória: a abundância de porco.

5. CONCLUSÕES

De acordo com o exposto, apresentamos as seguintes conclusões.

- As associações faunísticas de Alcaria Longa e da Casa II de Mértola são as indicadas nos Quadros 1 e 2.

- Trata-se de restos alimentares humanos, com as excepções de um dente de criança, de um fragmento de *Pecten* colhido *post mortem* com fins presumivelmente decorativos ou como curiosidade, e dos raros gastrópodes terrestres.
- Predominam os pequenos ruminantes, sobretudo o carneiro, na casa II associado a alguma cabra; é numeroso o coelho (que, no geral, pode ser doméstico) e frequentes os galináceos. Os bovinos escasseiam; seriam explorados mais pelo trabalho. O cavalo pode também ter sido consumido. Faltam os suínos (Alcaria Longa) ou quase (casa II); não parece demonstrável se porco, se javali, embora a última alternativa pareça de preferir. Nada prova suinicultura; portanto, não era aberta e continuamente infringida a interdição corânica.
- A caça (veado, lebre, raro javali, perdiz) desempenhou papel muito modesto.
- A presença de cão é comum; a de gato foi detectada na casa II.
- Assume relevância (casa II) a pesca fluvial, sobretudo de barbos, além de pequenos ciprinídeos, outros teleósteos e solho (esturção), cuja presença é reconhecida pela 1ª vez em arqueossítios medievais portugueses. Os barbos pertencem às espécies frequentes no Guadiana, *Barbus steindachnerii* e *Barbus microcephalus*.
- Não era despiciendo o contributo da ameijoia (*Tapes*), proveniente dos sapais de Castro Marim, complementada por ostras, outros lamelibrânquios e peixes de água salgada (*Pagellus*, besugo).
- Foram colhidas conchas de *Pecten* por motivos não alimentares, o que seria de

esperar mas, que saibamos, não havia sido verificado em situações análogas.

- Quer o tipo de corte dos ossos em fragmentos reduzidos, quer a conservação de peças frágeis como diversos ossos de peixes apontam para culinária baseada em estufados em recipientes de barro a fogo lento, e em caldos.
- O quase certo consumo de cavalo; o de raro suídeo (possivelmente javali), ao arrepio de interdições religiosas; a grande escassez de caça; e as óbvias carências nutricionais detectadas em material humano parecem corresponder a situação de crise, com escassez geral de recursos, possível défice alimentar e dificuldade (ou perigo) de afastamento da povoação para expedições cinegéticas a áreas propícias; instabilidade e pobreza seriam prováveis.
- Comparações com outras jazidas islâmicas (Silves) e portuguesas (Travessa da Portuguesa, Setúbal) evidenciam enorme contraste no concernente aos suídeos, quase ausentes naquelas.
- Não obstante algumas particularidades, a constância das condições ecológicas determina semelhanças básicas no modo de vida, as quais perduraram através dos tempos — pelo menos até a melhoria das comunicações e a conservação pelo frio alterarem radicalmente os padrões do abastecimento.

Todavia, só dados mais completos permitirão, eventualmente, avaliar o grau de generalidade destas conclusões, pois ignoramos até que ponto a amostragem estudada é repre-

sentativa das populações que aí habitavam. Haveria gente mais abastada. Estratificação social e crise eram realidades.

AGRADECIMENTOS

Testemunhamos o nosso reconhecimento às instituições e pessoas que concorreram para a realização deste trabalho, em particular aos Drs. Cláudio Torres e Santiago Macias, do Campo Arqueológico de Mértola, bem como ao Prof. Dr. João Pais, do Departamento de Ciências da Terra da FCT da Universidade Nova de Lisboa, e aos Professores Drs. Carlos Alença e M.J. Collares Pereira, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAÇA, C. (1986) — Fish and their environment in large european river ecosystems/ Tejo and Guadiana. *Sciences de l'eau*, 7(1), p. 3-19.
- ANTUNES, M.T. (1991) — Restos de animais no Castelo de Silves (séculos VIII-X)/ Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico. *Estudos Orientais*, II/ O Legado Cultural de Judeus e Mouros, p. 41-74, 5 fig. Instituto Oriental / Universidade Nova de Lisboa.
- ANTUNES, M.T. (1993) — Arqueozoologia medieval em Silves / Novos elementos da época Almorávida. *O Quotidiano na História Portuguesa* / Encontro Internacional, 22 a 24 de Abril/1993, p. 75. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa/ Departamento de História [Comunicação apresentada em 22 de Abril de 1993].
- ANTUNES, M.T. (1993) [Em publicação] — Arqueozoologia Medieval em Silves / Novos elementos. [Desenvolvimento da Comunicação precedente].
- ANTUNES, M.T. & SIDARUS, A. (1993) — Mais um quilate cunhado em Beja em nome de Ibn Qasi e 'Abu Talib Al-Zuhri (Alcaria Longa — Baixo Alentejo). *Arqueologia Medieval*, 2. Mértola, p. 221-223.
- ANTUNES, M.T. & SIDARUS, A. (1991-1992) — Moedas árabes de Beja invocando Ibn Qasi / Nova leitura e interpretação histórica. *NVMMVS*, 2.^a S., XIV/XV; Porto, Sociedade Portuguesa de Numismática, p. 25-38, 2 est.
- BEIRANTE, M.A.V.R. (1980) — Santarém Medieval. Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. 310 p.
- COLLARES-PEREIRA, M.J. (1985) — Ciprinídeos do Alentejo. *Congresso sobre o Alentejo*, volume 2, pp. 537-545.
- DRIESCH, A. von den & BOESSNECK, J. (1981) — Die Fauna von Zambujal. *Madridrer Beiträge*, Band 5 / Zambujal / Teil 1, p. 303-314. Deutsches Archäologisches Institut, Madrid. Ed. Verlag Philipp von Zabern, Mainz am Rhein.
- TORRES, C. in TORRES, C. & SILVA, L.A. da (1989) — Mértola / Vila Museu. *Campo Arqueológico de Mértola*. 2.^a ed., 155 p. Edição do Campo Arqueológico de Mértola com o apoio da Câmara Municipal de Mértola e da Associação de Defesa do Património de Mértola.